

# “Por uma nova concepção de desenvolvimento”

Avance de investigación en curso

GT 15: Medio Ambiente, sociedad y desarrollo sustentable

YVES DO AMARAL LESBAUPIN  
(IVO LESBAUPIN)

## Resumen:

O atual modelo de desenvolvimento, produtivista-consumista, é predador da natureza, destruidor das condições de vida da humanidade. Urge pensar uma outra concepção de desenvolvimento, considerado não como crescimento econômico, mas como desdobramento das potencialidades existentes nas pessoas e na sociedade para que tenham vida e possam viver bem. É preciso pensar uma outra economia, uma outra forma de organizar a sociedade, um outro tipo de desenvolvimento. Este texto tenta trabalhar esta nova concepção, utilizando contribuições de vários autores, que têm proximidades e diferenças, como Michael Löwy, Edgar Morin, Lester Brown, Jared Diamond, Jeremy Rifkin, Ricardo Abramovay, Ladislau Dowbor e outros. Alguns, como Eduardo Gudynas, questionam o próprio conceito de desenvolvimento, propondo alternativas ao desenvolvimento.

**Palavras-clave:** Desenvolvimento, ecologia, economia

## Introdução

A humanidade está hoje na direção da não-sustentabilidade, caminhando rapidamente para tornar a Terra inabitável: estamos desmatando numa velocidade incrível por toda parte, seja para vender a madeira, seja para exportá-la, seja para dar lugar a grandes pastagens e plantações de produtos exportáveis. Nossa água doce está sendo utilizada em uma quantidade muito acima de sua capacidade de reposição. Além disso, ela está sendo poluída pelo não-saneamento (despejo de esgotos diretamente nos rios), pelos agrotóxicos (que descem dos campos para os rios), pelas indústrias e seus produtos tóxicos, pela mineração (na qual muitas vezes são usados produtos tóxicos). Por outro lado, o aquecimento global está derretendo fontes de água doce que são as geleiras, os glaciares e as calotas polares, o que pode tornar a vida muito difícil para inúmeras cidades no mundo.

Nossos alimentos são cada vez mais envenenados pelos pesticidas e agrotóxicos – o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, à frente dos EUA. Alguns alimentos que consumimos são carregados destes produtos. Nós os colocamos em nosso organismo numa quantidade pequena, mas dia-a-dia, ano a ano, ingeridos continuamente, estes venenos produzem doenças, entre as quais o câncer.

Alguns elementos altamente poluentes e prejudiciais à saúde humana, entre os quais os combustíveis fósseis (gasolina, diesel), são, há mais de cem anos, a principal fonte de energia utilizada pelos seres humanos. Nosso ar é permanentemente poluído pelo uso destes combustíveis e, por mais que a poluição incomode cada vez mais os habitantes das grandes cidades, não é possível contê-la, pois a cada dia aumenta o número de automóveis nas ruas. Inclusive, podemos dizer que o automóvel se converteu no grande ídolo da nossa civilização, de sua lógica de produção e consumo: é para os carros, principalmente, que nossas cidades são construídas.

Nosso sistema econômico, para gerar lucro, precisa incessantemente produzir e vender. É por isto que nossa sociedade é uma sociedade de consumo, porque as pessoas precisam consumir sempre mais. Os

produtos não são feitos para terem durabilidade, eles são feitos para se tornarem rapidamente obsoletos, de modo a que as pessoas tenham necessidade de comprar um novo. Mais produtos, mais embalagens, tudo isso gera lucros para as empresas, mas também consome intensamente as matérias primas de que são feitos os produtos, além de aumentar a quantidade de lixo que é descartado num volume maior que a capacidade do meio de absorvê-lo.

Em consequência, os recursos naturais do planeta estão desaparecendo. Alguns destes recursos não são renováveis e, em algum momento, vão deixar de existir, em razão do consumo excessivo. Outros são renováveis, mas a velocidade com que estão sendo utilizados e a não-sustentabilidade de seu uso fazem com que não haja tempo de reposição, de regeneração.

## **Uma nova concepção de desenvolvimento**

É mais que nunca o momento de pensar uma concepção de desenvolvimento centrada nas necessidades humanas, que garanta a reprodução da natureza, evite o desperdício e não esgote os bens de que precisamos para viver. Um desenvolvimento que esteja voltado para a vida e não para a maximização do consumo.

Desenvolvimento não é sinônimo de crescimento econômico, como afirma a teoria econômica dominante - difundida pela grande mídia -, desenvolvimento não é sinônimo de “produtivismo-consumismo”. Desenvolvimento é desdobrar as potencialidades existentes nas pessoas e na sociedade para que tenham vida e possam viver bem<sup>1</sup>. Isto implica garantir proteção social para que as pessoas se sintam seguras face às dificuldades imprevistas que podem atingir qualquer ser humano.

## **Como superar o modelo produtivista-consumista**

Para superar o modelo de desenvolvimento predador, produtivista-consumista, temos de propor outro tipo de desenvolvimento. Como pensar o conjunto da organização social, como pensar as cidades e o campo, o trabalho, a produção daquilo que é necessário?

## **Mudar a matriz energética**

Temos de mudar a matriz energética: substituir a energia baseada em combustíveis fósseis e a nuclear por energias renováveis.

Temos estudos mostrando a viabilidade técnica de obter toda a energia de que necessitamos via energia eólica, solar (fotovoltaica e térmica), oceânica, geotérmica e hídrica<sup>2</sup>.

As energias renováveis têm uma grande vantagem em relação à energia baseada em combustíveis fósseis: os combustíveis fósseis só existem em grandes quantidades em alguns poucos países, enquanto que o sol, os ventos e a capacidade subterrânea de gerar energia, praticamente todos os países têm, de algum modo. E a maior vantagem é que elas são inesgotáveis.

---

<sup>1</sup> Cf. Marcos Arruda, *Tornar real o possível*, Petrópolis, Vozes, 2006; cf. também Michael Lowy, “Ecosocialism, democracy and planification”, 2007 (apud [www.europe-solidaire.org](http://www.europe-solidaire.org)); *Ecologia e socialismo*, São Paulo, Cortez, 2005.

<sup>2</sup> Cf. [R]evolução energética – a serviço de um desenvolvimento limpo. Greenpeace Brasil, [www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br), dez. 2010 e *The energy report – 100% renewable energy by 2050*. [www.wwf.org](http://www.wwf.org), out. 2010. Fonte hídrica: pequenos equipamentos para produzir energia elétrica em riachos, não usinas hidrelétricas, destruidoras de populações e do meio-ambiente. No Brasil, não temos necessidade de nenhuma nova megasina hidrelétrica para garantir eletricidade para o povo, não precisamos expulsar povos indígenas e ribeirinhos de seu habitat, não precisamos mais acabar com belezas naturais.

Para Jeremy Rifkin, temos de passar da energia elétrica produzida de modo **centralizado**, para aquela que se apoia na exploração de fontes locais com base em geração **descentralizada**. Rifkin mostra que as edificações residenciais, comerciais e públicas podem transformar-se em microusinas geradoras de energia, a partir de fontes renováveis (solar, eólica e até geotérmica).

Pode-se produzir equipamentos geradores de energia em pequena escala, residencial – para garantir o abastecimento das necessidades familiares. Energia fotovoltaica para os aparelhos domésticos, energia solar para forno/fogão, reservatórios de captação de água da chuva para uso secundário, etc. Cada edifício pode ter seu próprio “gerador” de energia para a iluminação e climatização, seu próprio sistema de captação de água.

A tecnologia da internet pode ser usada para transformar a rede elétrica de todo um continente em uma rede de compartilhamento de energia que age como a internet. Quando milhões de edificações estão gerando uma pequena quantidade de energia no local, elas podem passar o excedente para uma rede e compartilhar eletricidade com seus vizinhos continentais.

Alguns exemplos: estudo da Academia americana de Ciências indica que o potencial de produção eólica terrestre representa 40 vezes as necessidades atuais de eletricidade. Na China, cobriria 16 vezes as necessidades do país<sup>3</sup>.

Neste país, captadores térmicos instalados nos tetos de casas fornecem atualmente água quente a 120 milhões de famílias. Cerca de 5 mil empresas chinesas fabricam estes aparelhos: é uma tecnologia simples e barata<sup>4</sup> e se difundiu enormemente em lugares onde ainda não há eletricidade. A vantagem da energia solar é que ela não precisa de rede para funcionar: cada residência pode ter sua fonte de energia independente, mesma que esteja situada numa região isolada. Na Alemanha, atualmente 2 milhões de alemães vivem em casas onde a água quente e a eletricidade são assegurados por captadores solares.

O potencial avaliado pelo Atlas Eólico Brasileiro é de que a energia eólica pode multiplicar por dez a energia gerada por Itaipu (apud Greenpeace, 2010). Segundo o Atlas Solarimétrico do Brasil: se 0,3% do Saara fosse usina solar concentrada, geraria energia suficiente para toda a Europa. E, no Brasil, se apenas 5% da energia vinda do sol fosse aproveitada, toda a demanda nacional por eletricidade poderia ser atendida (idem). O Brasil ainda tem condições de ser um dos primeiros em pesquisa e tecnologia de energia solar. Bastaria que algum governo tivesse a vontade política de investir recursos nesta área.

No Brasil, o total de energia que poderia ser aproveitada – com as tecnologias atuais de fontes renováveis - é de 26,4 vezes a demanda nacional. Só com o sol, se poderia gerar 20 vezes; com o vento, 3 vezes.

### **Para a área agrária-agrícola**

Para a área agrária-agrícola, há propostas dos movimentos sociais do campo e de setores a eles vinculados, bastante consistentes. Eles propõem um modelo de agricultura radicalmente diferente do modelo dominante, que se opõe à dominação das multinacionais, ao agronegócio, à dependência de fertilizantes e agrotóxicos, aos transgênicos. Ele exige a reforma agrária, para que todos os trabalhadores tenham terra e condições para plantar; e propõe um modelo apoiado na agroecologia – sem agrotóxicos –, na produção diversificada (contra a monocultura), na agricultura familiar<sup>5</sup>, produzindo prioritariamente para a alimentação da população.

Esta não é uma proposta teórica apenas, ela já está sendo praticada em vários lugares do país. E tem tido excelentes resultados tanto em termos de produção, quanto em termos de alimentação saudável e suficiente para a população envolvida. A razão pela qual ela não se expande é a prioridade dada pelos

---

<sup>3</sup> Lester Brown, 2009. As informações seguintes vêm deste livro.

<sup>4</sup> Cada aparelho custa 150 euros. Depois de instalado o aparelho, não se gasta mais nada: a energia do sol é gratuita.

<sup>5</sup> “Plataforma da Via Campesina para a agricultura” ( [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) – 26/05/2010).

governos ao agronegócio, à exportação de *commodities* e a pouca atenção a este tipo de agricultura. Levando em conta que 70% dos alimentos que consumimos no Brasil são produzidos pela agricultura familiar, fica claro por que o país tem importado cada vez mais alimentos nos quais, há menos de vinte anos, éramos autossuficientes (feijão, arroz, para citar apenas dois exemplos).

## Água

Em primeiro lugar, garantir o saneamento básico para todos. Para evitar a contínua poluição das águas. Caso do Brasil: 52% dos municípios não possuem rede de esgotamento sanitário. E um número maior de municípios não possui tratamento de esgoto.

70% da água doce do planeta é utilizada para irrigação. Deve-se escolher culturas menos consumidoras de água e utilizar técnicas mais eficazes de irrigação<sup>6</sup>. No Brasil, já são praticadas algumas delas em assentamentos, como a irrigação por gotejamento.

Sistemas de captação da água da chuva – para fins outros que não o consumo humano – poderia ser uma exigência para toda construção (casa, edifício). Chuvas em excesso teriam escoamento de água reduzido. A água excedente seria conservada para utilização posterior.

Suprimir o uso da água engarrafada. Ela não é mais segura do que a água da torneira, e é mil vezes mais cara. Nos EUA e na Europa, há muito mais exigências sobre a água da torneira que sobre a água engarrafada. Isto evitaria a utilização de milhões de garrafas de plástico (petróleo), assim como o transporte por caminhões.

### O exemplo do semi-árido brasileiro (interior do Nordeste)

A ASA (Articulação do Semi-Árido) tem propostas amplas sobre como viver e produzir nessa região, sintetizadas na expressão “convivência com o semi-árido” (cf. Malvezzi, 2007). E não são apenas idéias: estão sendo implementadas em boa parte da região, com resultados muito positivos para a população. São inúmeras tecnologias sociais que permitem ter água durante todo o ano, mesmo com pouca pluviosidade. O “Atlas do Nordeste”, preparado pela ANA (Agência Nacional de Águas) se apoia em muitas dessas propostas e oferece condições de atender a 34 milhões de nordestinos, o triplo do prometido pelo projeto governamental de transposição do rio São Francisco – e pela metade do valor da transposição.

### Repensar a cidade

Repensar a cidade: a cidade para o bem-estar dos habitantes (e não para os carros). Pensar a construção das habitações de modo que os materiais utilizados sejam poupadores e geradores de energia. Repensar os transportes urbanos, investindo em meios de transporte público diversificados - apoiados principalmente nos trilhos (trem, metrô, bonde/*tramway*), e também em linhas de ônibus com vias preferenciais, ciclovias e ruas para pedestres. Incentivar o uso da bicicleta – criando facilidades e oferecendo condições de segurança –, como já existe em alguns países.

### Iluminação

---

<sup>6</sup> No Brasil, há projetos de construção de criatórios de camarão em cativeiro. Para se obter um quilo de camarão, são necessários 50 mil litros de água.

Substituir as lâmpadas incandescentes por lâmpadas LFC (lâmpada fluorescente compacta) ou lâmpadas LED (*light-emitting diode*) é um dos meios mais rápidos para reduzir as emissões de carbono, fazendo economia ao mesmo tempo. Isto diminuiria em mais da metade o consumo de eletricidade para a iluminação, além do fato de que estas lâmpadas duram muito mais (as LED duram, em média, 25 anos). Permitiriam, por exemplo, fechar 705 das 2.800 centrais de carvão em atividade no mundo.

### **A fabricação de bens: durabilidade/ consertabilidade/ recuperabilidade**

Nesta nova concepção, é preciso repensar a própria fabricação de bens e o seu desmonte. A construção dos prédios deve ser de tal modo e com tais materiais que permita, no futuro, quando vierem a ser desfeitos, que os materiais possam ser reutilizados, reaproveitados. Os aparelhos devem ser produzidos de tal forma que possam ser desmontados, e todas as suas partes reaproveitadas. Eles devem ser feitos de modo a poderem ser consertados em vez de descartados, a poderem substituir apenas uma peça quando esta peça apresentar defeito. Eles devem ser feitos para durar, não para serem trocados em pouco tempo. Há produtos que poderiam ter garantia de dez, vinte anos ou mais, em vez de um ou dois anos <sup>7</sup>.

### **Novas profissões**

Novas indústrias e serviços surgirão com esta reorientação da economia: produção de turbinas eólicas, placas solares, piscicultura, manutenção de bicicletas, produção de de trens, metrô, bondes, *tramways*, ônibus elétricos, o reflorestamento, arquitetos ambientais – para conceber edifícios poupadores de energia ou autogeradores de energia, etc. -, toda a área da produção reciclável – do papel reciclado ao aço, vidro, etc. (cf. Brown, 2011).

### **Redirecionar os subsídios públicos**

Um dos argumentos usados contra o uso de energia solar ou eólica é que seu custo é caro. Ora, para o uso do petróleo, o investimento anual é de 1 trilhão e 700 bilhões de dólares. O futuro do planeta depende do redirecionamento dos subsídios hoje destinados a combustíveis fósseis e energia nuclear para fontes renováveis (Rifkin, 2012).

Entre 2002 e 2008, os subsídios federais para a indústria de combustíveis fósseis totalizaram mais de 72 bilhões de dólares; para as energias renováveis foram inferiores a 27 bilhões (idem).

No decorrer do tempo, o custo de gerar eletricidade de fontes alternativas será o mesmo ou menor que o custo de gerar energia convencional a partir de combustíveis fósseis ou de fontes nucleares.

Trata-se de democratizar a produção e a distribuição de energia, criando milhões de residências, pequenos sítios agrícolas (próximos de cidades ou isolados), edifícios, empresas, autossuficientes em energia.

*Autosuficiência e colaboração*: a natureza distribuída das energias renováveis precisa ser colaborativa – o compartilhamento em rede -, em vez de contar com mecanismos hierárquicos de controle e comando (idem).

### **Fim da propaganda de produtos**

---

<sup>7</sup> A cidade de Livermore, na Califórnia, EUA, é famosa por um recorde mundial: lá existe uma lâmpada acesa desde 1901, portanto, com mais de cento e dez anos (cf. [en.wikipedia.org/wiki/Centennial\\_Light](http://en.wikipedia.org/wiki/Centennial_Light) ).

O principal fator que leva as pessoas a consumirem cada vez mais é a propaganda. Não precisamos de propaganda para nos convencer a comprar um novo produto, muitas vezes supérfluo. Para buscar aquilo de que precisamos, basta a informação sobre sua finalidade e as substâncias que contém. Os cidadãos, com essa informação, saberão decidir por si próprios qual dos produtos lhes convém. Para não termos de consumir cada vez mais produtos desnecessários, temos de controlar a propaganda. No Brasil, já conseguimos a proibição da propaganda de fumo; precisamos avançar na proibição de propaganda de bebidas alcoólicas, proibição de propaganda de remédios – por exigências da saúde pública –, proibição da propaganda dirigida a crianças. E pouco a pouco ir mais longe.

## Conclusão

É preciso superar o atual modelo de desenvolvimento predador, destruidor das condições de vida da humanidade. Para isso, precisamos construir uma nova concepção de desenvolvimento que permita às pessoas viver bem, em harmonia com a natureza e em colaboração com os demais seres humanos. Qualquer projeto de desenvolvimento baseado no cuidado ecológico, qualquer projeto de economia ecológica, tem de ter como prioridade a redução da desigualdade social - não apenas a redução da pobreza.

## Bibliografia

ABRAMOVAY, Ricardo. *Muito além da economia verde*. São Paulo, Abril, 2012.

\_\_\_\_\_. “Para juntar economia e ética, sociedade e natureza” - <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/1084052-para-juntar-economia-e-etica-sociedade-e-natureza.shtml> – 02/05/2012.

ALLIER, Joan Martínez. *Da economia ecológica ao ecologismo popular*. Blumenau, Ed. da FURB, 1998.

ARRUDA, Marcos. *Tornar real o possível*, Petrópolis, Vozes, 2006.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo, Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sustentabilidade: o que é; o que não é*. Petrópolis, Vozes, 2012.

BROWN, Lester. *Eco-economy: building an economy for the Earth*. New York, London, W. W. Norton & Company, 2001.

\_\_\_\_\_. *Plan B 4.0 – Mobilization to save civilization*. 2009 (<http://www.earth-policy.org/books/pb4> ).

\_\_\_\_\_. *Basculement: comment éviter l’effondrement économique et environnemental*. Bernin, Souffle Court Éditions et Paris, Éd. Rue de l’Échiquier, 2011.

DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Rio de Janeiro, Record, 2009.

DOWBOR, Ladislau, SACHS, Ignacy e LOPES, Carlos (org.). *Riscos e oportunidades em tempos de mudanças*. São Paulo, Ed. e Livraria Instituto Paulo Freire; Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

GREENPEACE BRASIL. [R]evolução energética – a serviço de um desenvolvimento limpo - [www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br) , dez. 2010.

GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO. *Más allá del desarrollo*. Quito, Fundación Rosa Luxemburg/Abya Yala, 2011.

IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change). "IPCC Fourth Assessment Report (AR4)". 2007. ([http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4\\_syr.pdf](http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr.pdf)).

KEMPF, Hervé. *Comment les riches détruisent la planète*. Paris, Le Seuil, 2007.

LATOUCHE, Serge. *Vers une société d'abondance frugale. Contresens et controverses sur la décroissance*. Paris, Mille et une nuits, 2011.

\_\_\_\_\_. *Bon pour la casse. Les déraisons de l'obsolescence programmée*. Paris, Éd. Les Liens qui Libèrent, 2012.

LESBAUPIN, Ivo. Por uma nova concepção de desenvolvimento. *Le Monde Diplomatique Brasil*, novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. Por novas concepções de desenvolvimento. In: ABONG. *Por um outro desenvolvimento*. São Paulo, Maxprint Ed. e Gráfica, 2012, p. 37-48.

LOPES, Carlos, SACHS, Ignacy e DOWBOR, Ladislau. Crises e oportunidades em tempos de mudança. In: DOWBOR, SACHS e LOPES (org.), op.cit., p. 11-28, 2010.

LÖWY, Michael. "Ecosocialism, democracy and planification", 2007 (apud [www.europe-solidaire.org](http://www.europe-solidaire.org)).

\_\_\_\_\_. *Ecologia e socialismo*. São Paulo, Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Écosocialisme. L'alternative radicale à la catastrophe écologique capitaliste*. Paris, Mille et Une Nuits, 2011.

MALVEZZI, Roberto. *Semi-árido: uma visão holística*. Brasília, CONFEA, 2007.

MORIN, Edgar. *La voie. Pour l'avenir de l'humanité*. Paris, Fayard, 2011.

OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. "Manfred Max-Neef e Herman Daly: dois economistas alternativos" - [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) - 18/06/2010.

ORESQUES, Naomi e CONWAY, Erik M. *Les marchands de doute. Ou : Comment une poignée de scientifiques ont masqué la vérité sur des enjeux de société tels que le tabagisme et le réchauffement climatique*. Paris, Éd. Le Pommier, 2012.

PNUMA. "Economia Verde precisa de 2% do PIB mundial" ([www.unep.org.br](http://www.unep.org.br) - 17/11/2011).

RIFKIN, Jeremy. *A Terceira Revolução Industrial. Como o poder lateral está transformando a energia, a economia e o mundo*. São Paulo, M. Books, 2012.

SACHS, Ignacy. *A Terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

UNDEP (United Nations Environment Programme). "Green Economy Report". 2011.

[http://www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/ger/ger\\_final\\_dec\\_2011/Green%20EconomyReport\\_Final\\_Dec2011.pdf](http://www.unep.org/greeneconomy/Portals/88/documents/ger/ger_final_dec_2011/Green%20EconomyReport_Final_Dec2011.pdf)

\_\_\_\_\_. "Economia Verde precisa de 2% do PIB mundial" ([www.unep.org.br](http://www.unep.org.br) - 17/11/2011).

VEIGA, José Eli da. *Mundo em transe: do aquecimento global ao ecodesenvolvimento*, Campinas, Armazém do Ipê, 2009.

WWF. "The energy report – 100% renewable energy by 2050". [www.wwf.org](http://www.wwf.org) , out. 2010.